# O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno<br>36 n.os | Semest.<br>18 n.os | Trim.<br>9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem).... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral doscorreios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

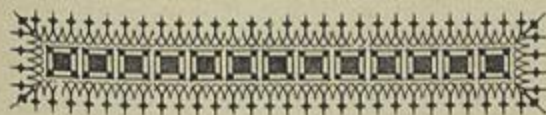
22.º Anno — XXII Volume — N.º 747

30 DE SETEMBRO DE 1899

**Redacção — Atelier de gravura — Administração**

*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4*

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Ainda está de volta comnosco a peste bubonica; ainda sobre sua origem, entrada em Portugal, natureza, defeza do resto do paiz, divergem as opiniões. Nada se pode aventar por emquanto com respeito aos estragos que ainda terá de fazer e ás probabilidades de sua expansão. *Si vis pacem para bellum* traduz-se agora: Se queres saude prepara-te para a peste. E que bom seria, se ha muito assim se houvera pensado! Pois o dito é velho e já provou bons resultados, quando, ha annos, em Lisboa, se annunciou uma invasão do cholera.

Em meio das tristes noticias que do Porto constantemente nos estão chegando, deu luz aos longos artigos soturnos a caridade com que Mme Calmette, esposa do medico francez que no Porto passou alguns dias e cujo nome é hoje uma celebridade europeia, cheia de abnegação e talvez confiando na immunidade devida ao sôro com se vaccinára, visitou os empestados no hospital e por todos distribuiu suas esmolas.

Medicos notaveis de muitas nacionalidades agora estiveram no Porto, estudando a doença e fazendo experiencias com differentes sôros. De todos recebeu o Dr. Ricardo Jorge as maiores provas de apreço.

Os casos annunciados são ultimamente em maior numero, mas um regular tratamento medico tem provado a sua efficacia com algarismos eloquentissimos. A cura successiva de muitos doentes, tratados no hospital com todos os meios de que a sciencia hoje dispõe, servirá de certo de exemplo a muitos que desejariam, mal aconselhados e desvairados, sonegar os casos de que tinham conhecimento.

Triste é dizel-o: medicos houve que se portaram n'esta occasião por forma que seria vergonha do mais boçal dos moços da esquina.

De tudo isso se fala tanto mais, quanto mais vai esmorecendo o interesse despertado por Dreyfus, o heroe do mais complicado romance d'este fim de seculo.

Condemnado por maioria, indultado pelo presidente da republica, Dreyfus arrastará para sempre uma desgraçada vida, a cujos horrores não podem ser compensação nem as provas de sympathia que do inteiro mundo lhe são dirigidas, nem os bens da propria fortuna, á manhã colossalmente augmentados, se elle para isso estiver disposto. Um editor offereceu-lhe um milhão de francos pela publicação das memorias.

Não chegariam ellas muito tarde? Não poderá entretanto outro caso de sensação vir distrahir os espiritos?

Os homens são essencialmente levianos; muitos dos que mais agora ergueram altares a differentes idolos hão os nomes d'estes esquecer.

Está por poucos mezes a exposição; dentro em poucas semanas não se falará d'outro assumpto em toda a França.

N'outros paizes ha mais em que pensar. A guerra no Transvaal está commovendo a Africa e a Europa.

Haverá guerra ou não? Eis por emquanto o problema.

Quaes serão os resultados d'essa guerra? Boers e inglezes parecem contar com a victoria.

Nos proprios jornaes inglezes divergem muito as opiniões até hoje manifestadas.

Muito a respeito dos boers, seus usos, costumes, talentos, se tem agora publicado em todos os jornaes do mundo.

N'essas paginas apparece-nos o boer, optimo chefe de familia, com seus enormes rebanhos e simplicidade de vida, como um velho patriarcha dos tempos luminosos que a Biblia nos descreve.

As fantasias apaixonadas pela vida rustica, tão cheia de poesia, sonham com aquellas montanhas tranquillas, onde a vida deslisa serena e cheia de

canticos como um riacho entre margens floridas. As photographias que de lá nos mandam ainda mais ajudam á luz do sonho bom. Até o retrato do Kruger nos dá vontade de uma visita até Pretoria, para apertarmos a mão d'aquelle excellente varão, a quem uma barba cerrada, um feitio de bom lavrador á antiga, com olhar tranquillo, uma barriga solemne, dão um bello ar de homem pacato e excellente.

O peor para nós e para nossa incerteza é essa quantidade de telegrammas que a imprensa de todos os paizes constantemente publica com relação ás tencões da Inglaterra sobre Lourenço Marques.

A Inglaterra, é muito prudente, dizem alguns, para se metter na aventura d'uma guerra sem a certeza da victoria. Ora nem sequer probabilidades querem outros que ella tenha.

D'esta consideração pode ainda resultar a paz, se os boers, convencidos de que o inimigo só demora as suas respostas para ter tempo de preparar-se, não forem os primeiros a romper hostilidades.

Em máos lençoes nos vemos; mas tudo por emquanto se vai passando muito por longe de nossa casa.

É o que nos vale para de cara alegre andarmos em festas e folias

Effectivamente pouco em Lisboa e arredores se dá pelas muitas afflicções por que vai passando o mundo.

Pobres e ricos, uns economicamente ao domingo, outros a semana inteira, vão tratando de desannuviar-se.

Os saloios tiveram agora a festa rija da Senhora da Nazareth, que, ha tantos annos, passeia pelas terras da Extremadura, devotamente venerada. Lá iam a berlinda da casa real, os soldados de cavalleria, os festeiros em carruagens, os mais pimpões em cavallos ajaezados de côres vivas, os anjos das lôas, a carroça dos foguetes.

Não ha outra festa egual na saloiada.

Os ricos por emquanto continuam em villegiatura, uns nas praias do norte, outros por essas terras fóra até Cascaes e Estoril, transformadas em pequeninos Monacos.

Nem d'outra coisa se fala desde o Caes do Sodré até á ultima estação da linha. E as roletas já são mais do que os comboios, e a bulha das bolinhas de marfim a correr, a saltar, a hesitar, a cahir, já em Oeiras, abafa a traquinada dos trens a passar por cima da ponte.

No fim da estação o zero da roleta, os azes dos dados, as portas do monte, hão de ter feito seu officio.

Para Cascaes partiram de Cintra ha dias o sr. D. Carlos e a sr.ª D. Amelia, dando entrada na villa por entre manifestações de regosijo e acompanhados de muitas carruagens, cavalleiros e cyclistas.

N'essa noite muitos edificios se illuminaram, produzindo brilhantissimo effeito. Repetiram-se as illuminações no dia 28, anniversario de suas majestades.

Se Cascaes é de todas as praias dos arredores de Lisboa a mais elegante e frequentada, nem por isso deixáram as outras de muito lucrar com a linha ferrea e os horarios de verão, tão brilhantemente inaugurados, de resultado que logo foi muito além de todas as previsões.

Quem acreditaria em tal no tempo dos omnibus da antiga companhia, que se arrastavam somnolentamente de trez quartos em trez quartos d'hora, desde Belem, ate ao Pelourinho? E ás nove da noite os carroções voltavam pacatamente para as cocheiras. Oeiras ficava a dez leguas, Cascaes no infinito. E uma vez e nunca mais.

Mudaram os tempos.

Como apitam os comboios por essas linhas! E, como se ainda não fossem bastantes, algum extraordinario se faz de quando em quando, como ha poucos dias succedeu, quando foi a toirada promovida por Manuel Casimiro de Almeida.

Vir de Cascaes ver uma toirada e voltar a casa para jantar!

E o melhor foi que valeu a pena.

Pela primeira vez na Praça do Campo Pequeno tourearam o filho e o irmão de Manuel Casimiro, aquelle uma criança ainda, mostrando aptidões notaveis, este um distincto medico, que não desdenhou de pegar n'uma farpa com valentia, ajudando assim uma excellente obra de caridade.

É tempo de dizermos adeus ás toiradas e de pensar a serio em theatros e até nos circos, visto que muito está despertando a curiosidade o annuncio dos trabalhos de quatro elephantes que, d'aqui a poucos dias, se hão de apresentar no Colyseu dos Recreios.

Diz-se que os taes elephantes são intelligentissimos, talvez tanto como aquelle cão de quem o dono dizia: — «Ha cães mais intelligentes do que o dono; são raros, mas eu tenho um.»

As companhias francezas é que vão dar brado. No mez de novembro teremos no theatro D. Amelia a grande Sarah Bernhardt representando o *Hamlet*, depois a Jeanne Granier com o seu repertorio de comedias e finalmente a Jane Hading, a mais formosa das actrizes Em principios de dezembro virá a Réjane a S. Carlos.

Bello principio de inverno!... Assim elle continue. Que se diga d'esses lindos passaros de arribação *prima milia passarorum*, mas que sempre fique um bocado da maçaroca... para nós.

*João da Camara.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### D. MIGUEL DE BRAGANÇA

Uma serie de successivas commemorações de verdadeiro jubilo para o honrado partido legitimista portuguez veiu pôr em relevo a individualidade distincta e sympathica do sr. D. Miguel de Bragança, o illustre principe proscripto, coronel do regimento austriaco de hussares de «Guilherme II, imperador da Allemanha e da Prussia,» cavalleiro da ordem austriaca do Tosão d'Ouro, e chefe d'aquelle partido politico.

Todas essas commemorações, a que as derradeiras vieram pôr a nota triste do pesado luto, se deram no presente mez de setembro e constam de anniversarios usualmente festejados com eguaes demonstrações, accrescidas agora de outras circumstancias e factos que registamos.

No dia 3 d'este mez foi o segundo casamento do sr. D. Miguel abençoado com o nascimento de mais uma infanta, que recebeu em 5 na pia baptismal o nome de Maria Anna.

O sagrado sacramento foi ministrado na capella do castello de Fischorn pelo rev. bispo de Wurtzburgo, assistindo com seus serviçaes, o sr. D. Miguel de Bragança e suas altezas a princeza de Loewenstein, a princeza Anna de Schwarzenberg, os condes de Schonborn e o principe João de Loewenstein. Foram padrinhos suas altezas a princeza Anna de Schwarzenberg, irmã da sr.ª D. Maria Thereza de Bragança e o conde Adalberto de Schonborn, seu cunhado.

Ao jantar de gala, a que apenas assistiram as pessoas referidas, sua alteza o principe Loewenstein e o rev. bispo de Wurtzburgo fizeram dois affectuosos brindes.

No dia 7 completou a formosa edade de vinte annos o infante D. Francisco José, segundo filho do sr. D. Miguel, joven muito intelligente e querido de quantos com elle tratam.

No dia 15 passou o 52.º anniversario do nosso prezado collega *A Nação*, o decano dos periodicos do continente, e por esse facto felicitamos cordealmente tão illustre e venerando campeão na imprensa. Tal anniversario, considerado politicamente, é bem eloquente e honroso para as tradicções de um partido, seja elle qual fôr, porque demonstra uma sinceridade, um tão acrilosado fervor, e uma tão arraigada convicção de crenças que infundem respeito.

No dia 19 celebrou o partido legitimista o 46.º anniversario natalicio do sr. D. Miguel de Bragança, dedicando-lhe um numero especial da *Nação* e publicando o retrato que reproduzimos. A' noite nas salas da redacção d'aquelle jornal realisou-se um enthusiastico banquete, presidido pelo sr. D. Alexandre Saldanha da Gama, que tinha á direita o sr. conde de S. Martinho e á esquerda o venerando jornalista legitimista e hoje principal decano dos jornalistas portuguezes sr. dr. Fernando Pedroso, que tambem no dia 12 do corrente completou a edade de 81 annos.

No dia 22 completou 21 annos o filho primogenito do sr. D. Miguel de Bragança, o principe D. Miguel Maximiliano, que attingiu assim a sua maioridade, o que tem alta significação tratando-se de um principe herdeiro de um dos mais sympathicos e considerados vultos da lista dos pretendentes aos varios thronos da Europa.

O joven principe segue illustrando-se como seu pae e, rodeado de professores portuguezes, trata de adquirir novos conhecimentos litterarios e scientificos, que o instruam devidamente.

Fecharam esta jubilosa serie de commemorações festivas, que tornam o mez de setembro de verdadeiro jubileu para as fileiras legitimistas, outras bem tristes e que cobrem de lucto a familia proscripta, a morte e funeral de sua alteza a princeza de Loewenstein, mãe da segunda esposa do sr. D. Miguel de Bragança.

Sua alteza a princeza Sophia de Liechtenstein, nascera em Vienna, em 11 de julho de 1837, era irmã do actual principe do mesmo titulo, cujo principado se acha incorporado desde 1852 na monarchia suzerana do imperio austro-hungaro.

Casou na capital d'esse imperio, em 4 de maio de 1863, com sua alteza o principe Carlos de Loewenstein, principe do imperio, chefe do ramo catholico dos Loewenstein-Wertheim, irmã da viuva de D. Miguel I, hoje soror Adelaide de Bragança, religiosa professa no mosteiro de Solesmes, da ordem de S. Bento, e viuvo em primeiras nupcias da Princeza Adelaide de Isenburg.

D'este primeiro casamento nasceu a princeza Maria Ignez, hoje prioreza no alludido mosteiro de Solesmes; e do segundo sete filhos, entre os quaes sr.ª D. Maria Thereza de Bragança, segunda esposa do sr. D. Miguel de Bragança, nascida em Roma, aos 4 de janeiro de 1870.

*
* *

O sr. D. Miguel Maria, Carlos, Egidio, Constantino, Gabriel, Raphael Gonzaga, Francisco de Paula e Assis, Januario, duque de Bragança e alteza real, é filho do rei de Portugal D. Miguel I, que reinou desde 30 de junho de 1828 até 26 de maio de 1834, e de sua esposa a princeza D. Adelaide de Lowenstein — Wertheim — Rosenberg, hoje religiosa na abbadia de Solesmes.

O sr. D. Miguel de Bragança nasceu no castello de Heubach a 19 de setembro de 1853 Casou duas vezes, sendo a primeira em Ratisbona a 17 de outubro de 1877 com D. Izabel, princeza de Thurn-et-Taxis, nascida a 28 de maio de 1860 e fallecida a 7 de fevereiro de 1881.

D'este primeiro casamento houve os seguintes filhos: Miguel Maximiliano Sebastião Maria, que nasceu em Reichenau, baixa Austria, a 22 de setembro de 1878, e que ora attingiu a maioridade, o principe Francisco José Gerardo Maria, que nasceu em Meran a 7 de setembro de 1879. A princeza Maria Thereza, que nasceu em Oedenburg a 26 de janeiro de 1881.

Do segundo consorcio, celebrado em Kleinheubach a 8 de novembro de 1893, com a sr.ª D. Maria Thereza, princeza de Lowenstein—Wertheim — Rosenberg, tem tido o sr. D. Miguel as seguintes princezas: D. Izabel Maria, Alberta, Adelaide Eulalia, que nasceu em Heubach a 19 de novembro de 1894, D. Maria Benedicta, Clara Sophia, que nasceu em Heubach a 12 de agosto de 1896, D. Mafalda Maria Aldegundes Henriqueta, que nasceu em Ankenstein a 4 de outubro de 1898, D. Maria Anna Raphaela Michaela Gabriella Laurencia, nascida a 3 de setembro de 1899, sendo solemnemente baptizada na terça feira immediata, ás 3 horas da tarde.

### VASCO DA GAMA PERANTE O SAMORIM

Temos hoje ensejo de reproduzir o bello quadro original do illustre artista sr. José Velloso Salgado representando Vasco da Gama perante o Samorim. Como se sabe, foi este trabalho o que alcançou o primeiro premio no concurso aberto pela commissão executiva da celebração do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India.

A critica e a imprensa, por occasião da commemoração centenaria, renderam os merecidos louvores a este notavel quadro, e ao seu auctor. No logar, onde se acha collocado, no vasto salão *Portugal* da séde da Sociedade de Geographia de Lisboa, tem sido muito apreciado e admirado. Por occasião das sessões do congresso da imprensa, que alli se realisaram em setembro do anno passado, mereceu o devido apreço dos illustres jornalistas e criticos extrangeiros, que então nos visitaram.

Hoje, pode-se affirmar que o patriotico quadro está consagrado. A sua reproducção pela estampa é uma honra e uma gloria para nós portuguezes, e uma justissima homenagem ao inspirado trabalho do artista. A vulgarisação de tão notavel obra d'arte é-nos lisongeira e desvanecedora.

O artista tomou para thema do seu quadro, segundo as clausulas do concurso, a audiencia dada pelo Samorim a Vasco da Gama e que Camões synthetisou n'estas suas estancias do cantico setimo dos *Luziadas:*

LIX

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
«Estava o Samori no trajo e geito
Da gente, nunca de antes d'elle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande auctoridade logo aquista
Na opinião do Rei e do povo todo,
O capitão lhe falla d'este modo:

LX

Um grande Rei de lá das partes, onde
O céo volubil, com perpetua roda,
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda,
Ouvindo do rumor que lá responde
O echo, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade,
Vinculo quer comtigo de amizade.

LXI

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo;
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem d'onde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII

E se queres com pactos e lianças
De paz e de amizade sacra e nua,
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Porque creçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito, e d'elle gloria ingente.

LXIII

E sendo assi, que o nó d'esta amizade
Entre vós firmemente permaneça
Estará prompto a toda adversidade
Que por guerra a teu reino se offereça
Com gente, armas e naos; de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça:
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

LXIV

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia;
Mas n'este caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo, de quem era.
O Rei, e a gente e terra, que dissera.

---

O PORTO

Damos hoje mais duas reproducções de excellentes photographias, representando o *Caes da Ribeira* e o *Posto de desinfecção em Campanhã*.

No *Caes da Ribeira*, onde habita uma parte da população miseravel da cidade do Porto, deu-se ha dias um caso de peste. É este um dos pontos de maior movimento da muito activa e hoje muito infeliz capital do norte.

O posto de desinfecção em Campanhã está montado por forma a satisfazer as exigencias do commercio. Chegaram a desinfectar-se n'um só dia perto de nove mil volumes.

Começou já a desinfecção dos cereaes e da farinha. Deve ser grande a sahida d'esta mercadoria.

Se por um lado nos causa um certo receio ver que os casos de peste vão crescendo, a diminuição de percentagem da mortalidade e os meios de que se vai lançando mão para prevenir a miseria, mais terrivel que a epidemia, animam-nos a esperança de que não terá a visita da peste bubonica a Portugal as fatalissimas consequencias que os mais aterrorisados previam.

# O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

*(Narrativa de um marinheiro)*

---

(Continuado do numero antecedente)

E tendo nós andado pela costa ahi obra de umas dez legoas desde o sitio em que nos fizeramos de véla, acharam os referidos navios pequenos um recife com um porto dentro, muito bom e muito seguro, [1] com uma larga entrada, onde se metteram e amainaram. As náos arribaram sobre elles e, um pouco antes do pôr do sol, fundearam á distancia de uma legoa do recife e ancoraram a onze braças.

Então o nosso Affonso Lopez, piloto de um d'aquelles navios pequenos, foi mandado pelo capitão, por ser homem vivo e intelligente para isso, dentro de um esquife a sondar o porto, e alli tomou uma almadia com dois d'aquelles homens da terra, ainda mancebos e de bons corpos. [2] Trazia um d'elles um arco e umas seis ou sete fréchas. Na praia andavam muitos outros com os seus arcos e fréchas de que se não serviram.

Não tardou Affonso Lopez em trazer os dois homens á presença do capitão, o que se fez já de noite, sendo recebidos com muito prazer e festa.

A feição d'elles é serem pardos, um pouco avermelhados, de bons rostos e de narizes bem feitos; andam nús e sem nenhuma cobertura. Dir-se-hia que mostravam o corpo com tanta innocencia como o rosto. Traziam ambos os beiços de baixo furados e mettidos por elles ossos brancos do comprimento de uma mão travessa e da grossura de um fuso de algodão e agudo na ponta como um furador. Mettiam-nos pela parte de dentro do beiço, e o que lhe fica entre o beiço e os dentes é á maneira de um roque de xadrez. E de tal maneira o trazem alli encaixado que lhes não dá incommodo nem lhes estorva a fala, nem o comer e beber.

Os cabellos são corredios e andavam cortados em bom tamanho, e por cima das orelhas todos rapados. Um d'elles trazia de fonte a fonte para traz uma especie de cabelleira de pennas d'ave amarellas, que seriam do comprimento de um côto, muito basta e embaraçada, que lhe encobria o toutiço e as orelhas, a qual andava pegada nos cabellos penna a penna com uma massa branda como a cera, mas não o era; de forma que andava a cabelleira muito redonda, muito basta, e muito egual, não sendo preciso mais nada para a levantar.

O capitão, quando elles vieram, estava assentado n'uma cadeira, tendo aos pés uma alcatifa por estrado, e bem vestido com um collar de ouro muito grande ao pescoço, e Sancho de Toar, [1] Simão de Miranda, Nicolau Coelho, [2] Ayres Correia, [3] e outros, dos que aqui na náo com elle vamos, assentados no chão sobre essa alcatifa.

Accenderam-se umas tochas e elles entraram. Os dois não fizeram menção alguma de cortezia, nem de falar ao capitão ou a alguem. Um d'elles, comtudo, poz os olhos no collar do capitão e começou a acenar com a mão para a terra e depois para o collar, com o que nos dizia que havia ouro na terra. Viu tambem um castiçal de prata e egualmente acenou para a terra e olhava para o castiçal, como querendo dizer que tambem alli havia prata.

Mostrou-se-lhes um papagaio que o capitão trazia a bordo. Logo o tomaram na mão e apontaram para a terra, querendo significar que os havia lá. Mostrou-se-lhes um carneiro mas não lhe prestaram attenção. Mostrou-se-lhes uma gallinha e quasi que tiveram medo d'ella e não lhe queriam pôr a mão, e depois lhe agarraram, mas como que espantados.

Deu-se-lhes para comer pão e peixe cozido, confeitos, mel e figos passados. D'isto não quizeram comer quasi nada, e alguma cousa, se a provavam, lançavam-na logo fóra. Trouxe-se-lhes vinho por uma taça, deu-se-lhes mesmo á bocca mas não gostaram. Trouxe-se-lhes agoa por uma albarrada, [4] tomaram d'ella um golo, mas não beberam. Apenas lavaram a bocca e depois lançaram-n'a fóra.

Viu um d'elles umas contas de rosario brancas e fez acenos para que lh'as dessem. Assim se fez e elle ficou muito contente.

---

[1] Aqui se fundou mais tarde uma povoação denominada—Porto Seguro, mas, por ser insalubre, foi abandonada e transferida para onde hoje se denomina Porto Seguro, mais ao sul. Portanto, o actual Porto Seguro não é o mesmo porto em que ancorou Alvares Cabral

[2] Eram dos indios tupiniquins.

---

[1] *Sancho de Toar*—Era, como se vê, este um dos commandantes de navios da esquadra de Pedro Alvares. De origem castelhana gozava este navegador grande reputação, tendo-lhe D. Manoel confiado o commando da esquadra no caso de fallecer Alvares Cabral.

Em Calicut recebeu o commando dos escaleres que foram encarregados de proteger a feitoria portugueza, mas não se desempenhou muito brilhantemente d'esse encargo.

A' volta foi mandado por Pedro Alvares reconhecer Sofala.

Regressando a Lisboa não tornou a tomar parte nas nossas expedições maritimas Dão-se tres razões para explicar esse abandono: a sua morte, que enriquecido pela viagem se retirasse á terra natal, ou que não merecesse ao governo portuguez a mesma confiança que até alli.

[2] Nicolau Coelho foi tambem um dos companheiros de Vasco da Gama na celebre viagem do descobrimento do caminho maritimo para a India. Era um nobre fidalgo e ia então commandando o *Berrio*, um dos quatro navios da esquadra, onde prestou notabilissimos serviços, sendo elle quem primeiro trouxe a Portugal a noticia do grande feito, merecendo de D. Manoel varias mercés e honrarias.

Como se vê, tambem teve a ventura de ser um dos descobridores do Brazil. Voltando a Portugal com Pedro Alvares Cabral, depois de ter affrontado felizmente com elle os tormentos do cabo da Boa Esperança, que tão fataes foram a esta esquadra. não descançou muito tempo no reino. O incansavel navegador, que parece teve o condão de assistir aos maiores feitos portuguezes, logo em 1503 se encontra commandando um dos tres navios que sairam de Portugal em 13 de abril d'esse anno, sob a direcção de Francisco de Albuquerque.

Um d'esses tres navios perdeu-se á ida, mas Nicolau Coelho ainda póde vêr pela terceira vez a terra da India que descobrira. Em fins de 1504 voltava ao reino, em companhia de Francisco de Albuquerque. A volta foi-lhes fatal e novos naufragios a assignalaram. A tempestade dispersou-os e nunca mais houve noticias de Nicolau Coelho nem de Francisco de Albuquerque. Nos mares que primeiro sulcara encontrou este illustre e heroico companheiro de Vasco da Gama e de Pedro Alvares Cabral um tumulo ignorado.

[3] Ayres Correia, como veremos, passou á India n'esta armada, e ia nomeado feitor de Calicut, sendo Pedro Alvares encarregado de fundar a feitoria, a primeira que os portuguezes estabeleceram na India.

Não tardaram os mouros a levantar discordias com os portuguezes. Ayres Correia já começara a fazer negocio quando os mouros lhe assaltaram a feitoria. Ayres defendeu-se brilhantemente, e quando viu que os mouros eram em grande numero e que não havia salvação possivel, propoz aos seus companheiros o abrirem caminho até á praia. Executou-se essa resolução heroica, mas os valentes que a praticaram morreram quasi todos no caminho, ficando entre os mortos o bravo feitor Ayres Correia; salvou-se um filho seu, criança de onze para doze annos, que foi depois um dos heroes das nossas guerras indianas, Antonio Correia Baharem.

[4] Vaso de barro com azas.

VASGO DA GAMA PERANTE O SAMORIM — QUADRO DO SR. SALGADO
Primeiro premio no concurso da Commissão executiva do Centenario do Descobrimento do caminho maritimo para a India

Lançou-as primeiramente ao pescoço e depois enrolou-as no braço, fazendo gestos, apontando ora para a terra e para as contas, ora para o collar do capitão, como querendo dizer que dariam ouro por aquillo.

Pelo menos assim o comprehendemos nós. Mas elle, na sua mimica, só queria dizer que lhe dessem as contas e o collar. Mas nós fizemos que não intendiamos, porque não estavamos para lhe dar tal joia. Por fim restituiu as contas a quem lh'as tinha dado.

Então deitaram-se de costas sobre a alcatifa a dormir, completamente nús, deixando ver o cabello do corpo todo rapado. O capitão mandou-lhes pôr debaixo da cabeça uns coxins, e elles tiveram todo o cuidado em não quebrar os penachos. Lançou-se-lhes um manto em cima, no que elles consentiram, e assim adormeceram.

No sabbado pela manhã mandou o capitão fazer véla e fomos demandar a entrada, a qual era muito larga e alta, de seis e sete braças, e entraram todas as náos dentro e ancoraram entre 5 e 6 braças. Esta ancoragem é tão grande, tão formosa e tão segura, que podem dentro d'ella ficar mais de duzentos navios e náos.

Logo que as náos pousaram e ancoraram, vieram os capitães todos a esta náo do capitão-mór, e d'aqui este mandou a Nicolau Coelho e Bartholomeu Dias que fossem a terra e levassem aquelles dois homens, e os deixassem ir com seus arcos e settas. A elles lhes mandou dar umas camizas novas [1], umas carapuças vermelhas, dois rosarios de contas brancas de osso, que pozeram logo nos braços, uns buzios e umas campainhas.

Mandou tambem o capitão com elles, para ali ficar, um mancebo degredado, que fôra servo de D. João Tello, de nome Affonso Ribeiro, afim de andar lá com elles, saber do seu viver e maneiras. A mim disseme que fosse com Nicolau Coelho.

Dirigimo-nos logo direitos á praia, aonde acudiram uns duzentos homens todos nús e com arcos e settas nas mãos. Os que iam comnosco lhes acenaram para que se affastassem e depozessem os arcos; elles os depozeram mas não se affastaram muito.

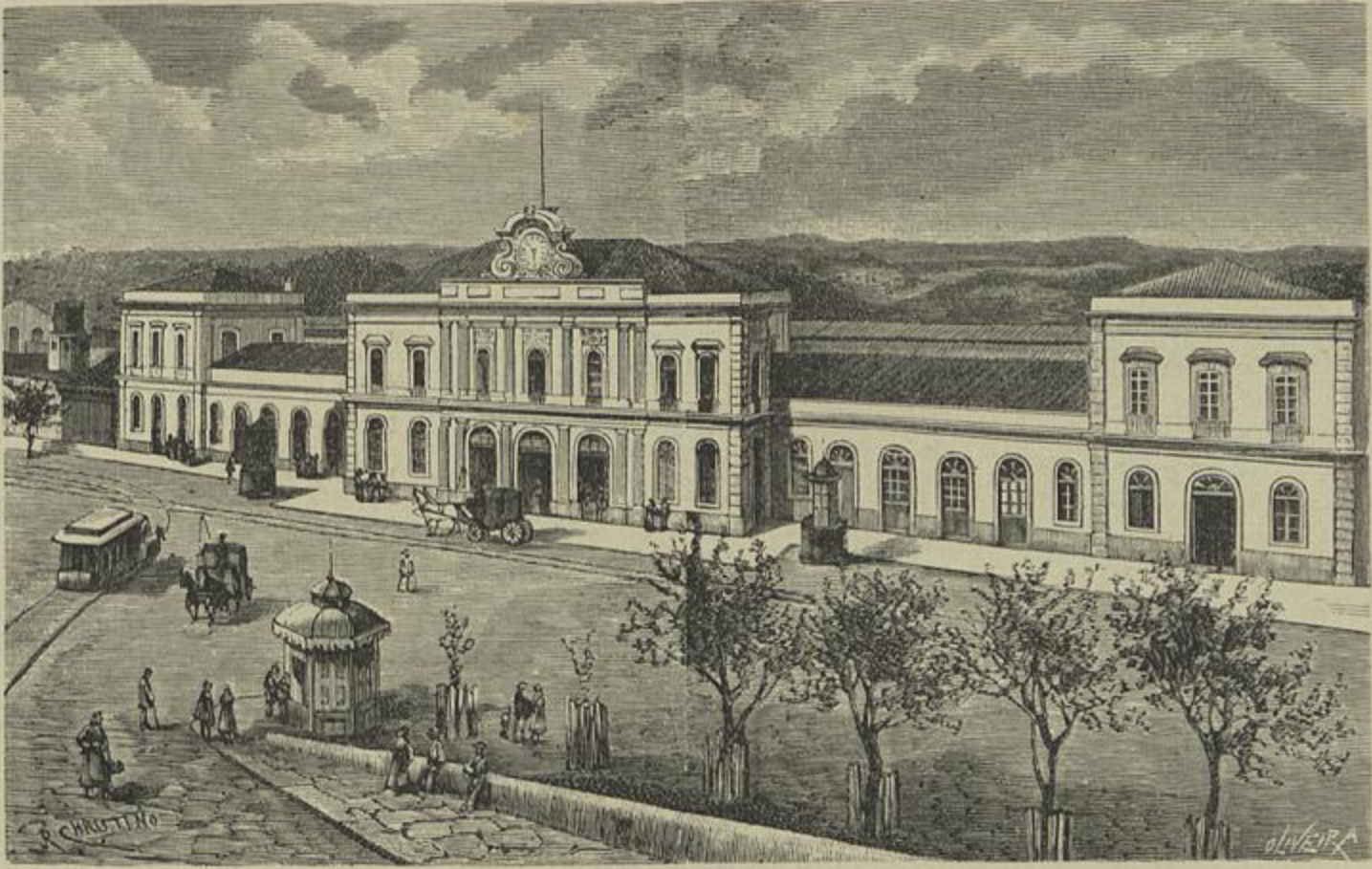
Logo que elles abaixaram os arcos sairam do batel os dois homens que nós levavamos e o moço degredado. Era de ver aquelles dois selvagens assim que saltaram em terra não pararem um só instante; e sem esperar um pelo outro, era observar quem mais corria. Passaram assim um rio de muita agua doce que por alli corre, que lhes dava pelas curvas das pernas, e atraz d'elles foram muitos dos outros que vimos na praia.

Foram assim correndo além do rio até que chegaram a umas moitas de palmeiras, onde estavam outros. Chegados ahi pararam.

[1] Camiza significa trajo.

Dirigiu-se para lá o moço degredado com um dos indigenas que estavam na praia, o qual logo que elle saiu do batel se lhe affeiçoou e o conduziu. Mas logo nos trouxeram o mancebo e com elle vieram os outros dois que tinhamos tido a bordo, e que já não traziam nem as camizas nem as carapuças dadas pelo capitão.

Então começaram a chegar muitos e entravam pelo mar dentro tanto quanto podiam em direcção aos bateis. Traziam cabaças d'agua e tomavam alguns barris que nós levavamos, enchiam-os de agua e traziam-n'os aos bateis. Não que elles de todo chegassem á borda do barco mas levantavam o barril e nós debruçavamo-nos tomando-lh'o. Então em paga pediam que lhes dessemos alguma cousa.

Levava Nicolau Coelho comsigo alguns busios e manilhas e a uns dava um busio, a outros uma manilha, de maneira que com aquella paga quasi nos queriam apertar a mão. Davam-nos dos seus arcos e settas em troca de chapéos e carapuças de linho e por qualquer cousa que se lhes queria dar. Entretanto os dois indigenas que tinham estado a bordo desappareceram sem que os tornassemos mais a ver.

O PORTO — Estação de Campanhã, onde está estabelecido o Posto de Desinfecção

O PORTO — A Ribeira

Andavam alli muitos d'elles ou quasi a maior parte, que todos traziam d'aquelles bicos d'osso nos beiços, e alguns que andavam sem elles tinham os beiços furados, e nos buracos traziam umas rodelas de pau ou de borracha. Alguns d'elles traziam tres d'aquelles bicos um no meio e dois nos cantos da bocca. Outros estavam pintados de cores, tendo o corpo quartejado, sendo n'uns metade da propria côr e outra metade de tintura negra um pouco azulada, e n'outros quartejado e dividido em quadrados de côr differente como xadrez.

Entre elles viam-se umas tres ou quatro mulheres bastante moças e elegantes, com cabellos muito pretos e compridos cahindo-lhes pelas espaduas, e de corpo tão bem limpo de cabello que não causava vergonha o olhar-se para ellas, assim nuas.

Era tanto o ruido que faziam que não pudemos perceber cousa alguma do que fallavam. Fizemos-lhes acenos para que se retirassem e elles assim fizeram retirando-se para além do rio.

Sahiram depois tres ou quatro homens dos nossos bateis e foram encher não sei quantos barris de agua dos que nós levávamos. Feito isto tornámos para bordo das náos.

Vendo os indigenas que nos retiravamos faziam-nos acenos para que voltassemos á praia. Assim fizemos e elles mandaram o degredado, pois que não queriam que ficasse com elles. Levara elle uma bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas para dar ao senhor se ahi o houvesse. Não se importaram de lhe tirar nada e assim o mandaram com tudo.

Então Bartholomeu Dias o fez voltar outra vez para que lhes désse aquillo. Voltou elle e deu tudo á nossa vista áquelle que se lhe affeiçoara. Veiu depois e nós o trouxemos para bordo.

Este indigena que se affeiçoou ao degredado era homem já velho e comtudo andava por louçania cheio de pennas pegadas ao corpo. Chegava a parecer, assim todo asseteado, um São Sebastião. Outros traziam penteados de pennas amarellas, outros de vermelhas e ainda outros de verdes. Uma das raparigas era tambem pintada e mostrava uns graciosos seios, tão bem feitos, que metteriam inveja a muitas mulheres da nossa terra. Os homens não eram circumcisos, mas assim como nós. Com esta ultima observação voltámos a bordo e elles se retiraram da praia.

A' tarde sahiu o capitão-mór no seu batel com todos nós e com os outros capitães das náos em seus bateis a darem um passeio pela bahia, ao longo da praia; mas ninguem saltou em terra, porque o capitão não o quiz, apesar de se não ver n'ella ninguem extranho. Sómente saltou elle com todos nós n'um grande ilhéo que está na bahia, e que na baixamar fica muito descoberto, mas é por todos os lados cercado d'agua, de forma que ninguem alli pode ir a não ser em barco ou a nado.

Ahi passou o capitão e todos nós bem uma hora e meia a pescar, andando os marinheiros com um chinchorro. [1] Matou-se algum pescado, não muito. Voltámos depois para bordo das náos, mas já era bem de noute.

(*Continua*)

## EGREJA CATHOLICA

«Tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam, et portae inferi non praevalebunt adversus eam. Et tibi dabo claves regni caelorum. Et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in coelis: et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in coelis.»

(MATH. 16.)

«E creio em huma, santa, Catholica, e Apostolica Igreja».

(*Concilio tridentino*, sessão, 3.ª)

A Egreja Catholica!

Que homem, por pouco instruido que seja, poderá negar-lhe a acção profundamente civilisadora no seio das sociedades?

Escreveu o sabio auctor do livro sublime *Da Imitação de Christo*: «Se não entendes nem alcanças cousas que estão abaixo de ti, como comprehenderás aquellas que sobrepujam as tuas forças?»

Dois escriptores distinctos e ambos insuspeitos, Guizot e Littré tratando da epoca das invasões, no 4.º seculo da nossa era, encontraram no seu dizer sensato estes periodos notaveis: «Et d'abord, assignala Guizot na *Historia da Civilisação na Europa desde a queda do imperio romano até á revolução franceza*, ce fut un immense avantage que la présence d'une influence morale, d'une force morale, d'une force qui reposait uniquement sur les convictions, les croyances et les sentiments moraux, au milieu de ce déluge de force matérielle qui vint fondre à cette époque sur la societé. Si l'Église chrétienne n'avait pas existé, le monde entier aurait été livré à la pure force matérielle. L'Église seule exerçait un pouvoir moral».

«Ce n'étaient plus, en effect, affirma Littré nos *Estudos sobre os barbaros e a Meia Idade*, que des protestations impuissantes; le jour du christianisme se levait; les malheurs mêmes du temps ne le troublaient pas; le monde moral s'ouvrait en des perspectives infinies pendant la ruine du monde politique; et, dussent les barbares passer tonts les frontières, s'ils conquéraient l'empire, l'Église les conquerrait.»

«Dae a Deus o que é de Deus e a Cezar o que é de Cezar»: eis uma recommendação fundamental, que não admitte duvidas nem sophisma; n'ella se enunciam e mandam respeitar claramente dois campos distinctos, ficando livre a todos os homens de modo absoluto a escolha e a adopção da fórma ou fórmas de governo. «Amae-vos uns aos outros»: aqui está o preceito maximo e a lei soberana da doutrina de Jesus, que a Egreja vem proclamando constantemente no decurso de XIX seculos.

«Eu não vim para destruir a lei e os prophetas mas para lhes dar cumprimento»: disse ainda Christo, e, depositaria inviolavel das promessas do Homem Deus, permaneceu a sua Casa e a serie veneranda dos pontifices.

Ahi se conserva intacta a fé christã, e embora heresias torpes e perseguições injustas e crueis revelem de vez em quando intentos de empanar-lhe o brilho, preparando-lhe escolhos insuperaveis, ella avança triumphante no caminho do bem. Macaulay, o illustre historiador inglez, já fallecido, em um dos seus *Ensaios*, deslumbrado diante das excellencias da verdade, transparecendo na fronte limpida da Egreja Catholica, põe de lado todo o preconceito de familia e de escola e presta-lhe em phrase levantada o preito sincero da sua admiração. Oh! que se elle a visse envolver-se em questões estranhas ao culto e ao progresso moral e legal da humanidade, certamente a teria estigmatizado na sua linguagem opulenta e de estylo penetrante: «Não ha no mundo, lançou á publicidade aquelle protestante eminente, instituição alguma que mereça um tão detido exame como a Egreja Catholica. A sua historia abrange as duas grandes edades da civilisação. Nenhuma outra instituição vive em nossos dias cuja origem póde ser levada aos tempos em que ainda se sacrificava aos deuses no Patheon ou se degladiava no Amphitheatro romano. As mais antigas dynastias são, quando muito, de hontem quando comparadas com a serie de papas que teem reinado na côrte pontificia. A Roma dos papas permanece de pé, não em estado decadente, não como uma reliquia do passado, mas cheia de vida e pujança.

A Egreja catholica continùa a mandar aos ultimos confins do mundo missionarios tão zelosos como os que desembarcaram com Agostinho em Kent, e ainda hoje desafia os poderosos da terra com o mesmo denodo com que ella se oppoz a Attila.»

Não, as intelligencias verdadeiramente lucidas os caracteres dotados de estricta imparcialidade e illuminados pelos fulgores da sciencia hão de sempre affirmar com Montesquieu, no *Espirito das Leis*: «La religion chrétienne, qui ordonne aux hommes de s'aimer, veut sans doute que chaque peuple ait les meilleures lois politiques et les meilleures lois civiles, parce qu'elles sont après elle le plus grand bien que les hommes puissent donner et recevoir.»

Em todos os documentos expedidos pela Egreja e em todos os concilios transpiram conselhos paternaes, palavras de paz e de comcordia, amor anhelante de justiça.

«L'Église, disse F. Huet na obra *A Sciencia do Espirito*, est naturellement une et universelle»

Na primeira Encyclica do grande Leão XIII, dada em Roma a 21 d'abril de 1878, traduz-se admiravelmente semelhante pensamento de boa ordem, que serve de norma a toda a indole recta e de sancção a todos os direitos inherentes á natureza da nossa especie.

Para haver ensejo de formular accusações seguras e manchar com labéu indelevel a Egreja Catholica, seria mister refutar antes com argumentos solidos e razões preclaras que os factos não desmentissem trechos como este, d'aquelle trabalho primacial do Summo Pontifice que preside aos destinos da christandade: «É bem claro e evidente, Veneraveis Irmãos, que á causa da civilisação faltam fundamentos solidos, se se não apoia sobre os eternos principios da verdade e sobre as leis immutaveis do direito e da justiça; se um amor sincero não une entre si as vontades dos homens, e não regula a distincção e os motivos de seus deveres reciprocos.

«Ora, quem ousará negal-o? Não foi a Egreja quem, pregando o Evangelho entre as nações, fez brilhar a luz da verdade no meio dos povos selvagens e entregues a vergonhosas superstições; quem lhes levou o conhecimento do Divino Auctor de todas as cousas e o respeito a si proprios? Não foi a Egreja que, fazendo desapparecer a calamidade da escravidão, elevou o homem a toda a dignidade da sua propria natureza? Não foi ella que, arvorando o estandarte da Redempção sobre todos os pontos da terra, cobriu com a sua protecção todas as sciencias e artes, e que pelos seus excellentes institutos de caridade, onde todas as miserias encontram allivio, e pelas suas fundações, tendentes sempre a civilisar os costumes particulares ou publicos, tirou a humanidade da miseria, empregando todos os cuidados para lhe dar um genero de vida conforme á sua dignidade e esperança? E, todavia, se um homem de espirito comparar a epoca em que vivemos, tão hostil á Religião e á Egreja de Jesus Christo, com esses tempos tão felizes em que a Egreja era honrada pelos povos como Mãe, convencer-se-ha completamente de que a nossa epoca, cheia de desordens e desregramentos, se precipita no abysmo, e que esses tempos floresceram tanto mais pelas suas excellentes instituições, pela tranquillidade publica, pelas riquezas, e pelas prosperidades, quanto mais submissos os povos se mostraram ao governo da Egreja e mais observadores de suas leis.

«Se os numerosos bens que acabamos de recordar, e que deveram a sua origem ao ministerio da Egreja e á sua influencia salutar, são verdadeiramente as glorias da civilisação humana, como se diz que a Egreja de Jesus Christo repelle a civilisação, quando pelo contrario foi ella a sua mãe, a sua ama, e a sua mestra? Ainda mais: essa especie de civilisação que repugna ás santas doutrinas e ás leis da Egreja não passa de uma falsa civilisação, e deve ser considerada como um nome vão, e sem realidade. E' esta uma verdade

---

[1] Rede de cingir e arrastar.

de que nos fornecem prova manifesta os povos que ainda não viram brilhar a luz do Evangelho: na sua vida, podem se notar alguns rasgos de uma educação mais ou menos cultivada, mas os verdadeiros e solidos bens da civilisação não teem ahi prosperado.

«Não se pode effectivamente considerar como uma perfeição da vida civil o desprezo audacioso de todo o poder legitimo; nem se deve saudar com o nome de liberdade aquella que tem por cortejo vergonhoso e miseravel a desenfreada propagação dos erros, a livre satisfação dos mais perversos desejos, a impunidade dos crimes e a oppressão dos melhores cidadãos.» Que mettam a mão na consciencia todos os homens esclarecidos, superiores ao estimulo de opiniões antecipadas, sem distincção de patria nem de raça, que procedam ás indagações mais largas e aos exames de maior escrupulo e digam depois se teem alguma objecção de pêso a oppôr á evidencia da historia, tão magistralmente resumida na Encyclica a que venho de alludir.

Parece-me que seria baldado o esforço, quaesquer que fossem tambem as suas convicções politicas, acatada como cumpre que seja por monarchicos, republicanos, socialistas, etc., a verdade inteira dos factos.

«Ni l'homme, ni l'espèce humaine, escreveu Augusto Comte em 1826, no opusculo *Considerações sobre o poder espiritual*, ne sont destinés à consumer leur vie dans une activité stérilement raisonneuse, en dissertant continuellement sur la conduite qu'ils doivent tenir.»

Leão XIII, no citado escripto precioso como nos demais publicados até hoje, não usa de rodeios nem de subterfugios, expõe clara e simplesmente a verdade historica; e nem precisa inventar ou deturpar factos quem tem por symbolo e escudo a bandeira sacrosanta do Calvario, que se ostenta á vista de todo o mundo como outr'ora aos olhares petulantes dos judeus que crucificaram o Nazareno.

Revive no insigne chefe visivel da Egreja Catholica a virtude singular de um Leão I e o valor intrinseco Leão X, a ideia gigantesca de um Gregorio VII e a inspiração genial de um Innocencio III; a sua figura alta e descarnada, a que imprime realce a alvura estrema dos seus cabellos brancos; os seus bellos olhos, em que ha scintillações reveladoras de talento grandissimo e de concepções austeras; a sua palavra, vibrante e communicativa como os sentimentos generosos que agitam o seu coração: todo este conjuncto extraordinario de qualidades e de dotes impressiona e arrasta quem o vê.

Ter a dita suprêma de ouvil-o, o mesmo é que sentir-se commover até ás lagrimas.

A Egreja Catholica não nutre ambições de poderío material: adapta-se dentro da esphera do legal e do justo, a todas as aspirações e esperanças de feição social; coaduna-se nos limites do espaço e do tempo, com todas as expansões da actividade; rejubila com todas as tentativas scientificas, ainda que nimiamente arrojadas; protege e abençôa nos variados ramos da industria e da arte, todas as vocações naturaes e todas as manifestações precoces e de accentuada boa fé; n'uma palavra, que haja amor entre os homens, é a sua maxima favorita, o seu ensinamento de todas as horas.

Inimiga das trevas, ella abriga em seu regaço os Secchi, que verifica a unidade da materia cosmica e os Moigno, demonstração viva da possibilidade de alliar erudição vastissima com a familiaridade mais perfeita em todas as ramificações do saber humano.

O que a Egreja toma a peito, no que é intransigente, é em tudo o que diz respeito aos seus subditos, ao clero.

«Ponham cuidado os Prelados das Igrejas em emendar os excessos dos Subditos, com prudencia e diligencia; e nenhum Clerigo Secular, ou Regular, com o pretexto de qualquer privilegio pessoal, ou da sua Ordem, se fôr Regular, e viver fóra do Mosteiro, se delinquir, se dê por seguro, para não ser pelo Ordinario do logar, como Delegado nesta parte da Sé Apostolica, segundo os Sagrados Canones, visitado, punido, e corrigido.

«Para o governo das Igrejas Cathedraes ninguem seja assumido, senão sendo nascido de legitimo Matrimonio, de idade madura, gravidade de costumes, e sciencia de letras, conforme a constituição de Alexandre 3.º, promulgada no Concilio Lateranense, que começa: *Cum in cunctis*.

«Só serão admittidos ás Ordens do Subdiaconato, e Diacono, os que tiverem boa reputação, de que terão já dado provas nas Ordens menores, e que se acharem sufficientemente instruidos nas boas Lettras, e no que pertence ao exercicio da Ordem a que aspiram. E esperando, mediante a ajuda de Deus, que podem viver em continencia, sirvam actualmente nas Egrejas a que forem addictos; e saibam lhes convém muito o receberem a Sagrada Communhão, ao menos nos dias de Domingo, e solemnes, quando ministrarem no Altar. Os que forem promovidos á Sagrada Ordem do Subdiaconato, não subirão a mais alto grau, sem terem exercitado as funcções d'ella ao menos por espaço de um anno; salvo ao Bispo parecer outra cousa. Não se conferirão aos regulares duas Ordens Sacras no mesmo dia; não obstante quaesquer privilegios, e indultos, que se lhes tenham concedido.

«Em nenhuma Religião, tanto de homens, como de mulheres, se faça Profissão, antes de completos dezeseis annos: nem seja admittido a Profissão o que tiver menos de um anno de approvação, desde que recebeu o Habito. A Profissão pois, que se fizer antes de passar este tempo, seja nulla, e não induza obrigação alguma de alguma Regra, Religião, ou observancia da Ordem, nem para outros quaesquer effeitos.»

Citei quasi ao acaso estas resoluções do concilio de Trento, porque bastam a tornar patente a orientação da Egreja Catholica e os processos logicos de que lança mão, no proposito firme de evitar abusos, não retendo no seu ambito ninguem contra vontade nem tão pouco alienando das suas obrigações respectivas e de quaesquer carreiras ou officios, pessoas aliás de crenças fervorosas.

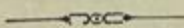
«Améliorer le sort des masses, escreveu Esnesto Vinet no livro esplendido *A Arte e a Archeologia*, sans secousse, sans violence; dissiper, à la douce clarté des idées morales, le nuage d'ignorance qui les enveloppe; ouvrir prudemment certains jours sur le monde intellectuel, je veux dire le leur montrer par les côtés qui ne troublent point et qui, ne poussant point à un sot mépris de tout le passé, ne les précipitent pas vers ces innovations malheureuses, vers ces hasards qui nous font rétrograder, tel est le problème.»

Sim, eis o problema, mas ao mesmo tempo a sua solução tambem.

É á doce luz das idéas moraes que ella surge radiante, confundindo na sua prosapia balofa os filhos do erro e da calumnia.

Não se fuja pois, da Egreja: guarda fiel da religião catholica, ella coopera para todo o progresso realisado sem desordem e preconiza todos os regulares succèssos politico-sociaes das nações.

*D. Francisco de Noronha.*

---

H. SUDERMANN

# O MOINHO SILENCIOSO

## XII

Passam-se dias. O João como companheiro de brincadeiras foi muito além das esperanças da Gertrudes. Tornaram se inseparaveis; o Martinho, que é terceiro, fica reduzido ao papel de espectador; com seu sorriso de resmungão só tem que dizer amen a todas as loucuras.

É um gosto vel-os, correndo um atraz do outro, atravessar o pateo como se tivessem azas nos calcanhares. A Gertrudes vôa, tão levesinha que os pés mal tocam no chão; apezar d'isso, o João corre mais: afinal apanha-a sempre. Mas ella percebe que não ha meio de escapar, agacha-se como um pintainho assustado: quando o João triumphante a aperta nos braços, o corpo d'ella, esbelto, endireita se, como se, ao contacto do João, a sacudisse toda uma commoção electrica.

O David, o criado velho, observa com toda a attenção todos aquelles manejos, espreitando pela trapeira do sotão onde estabeleceu residencia: coça na cabeça grisalha e murmura por entre os dentes coisas incomprehensiveis.

A Gertrudes dá com elle um dia e mostra-o ao João.

— Deviamos fazer uma pirraça áquelle velho sansadorninho, murmura.

O João conta-lhe a boa partida que uma vez ha muito, pregou ao David, descobrindo o esconderijo onde o velho mettia a farinha que larapiava.

— Se conseguissemos o mesmo outra vez? perguntou ella a rir.

— É preciso procurar.

E foi dito e feito, ou quasi. No domingo seguinte, estava o moinho parado e todos os criados e moços tinham sahido; o João pega no molho das chaves pendurado na parede e faz signal á Gertrudes para que o siga.

— Aonde vão? pergunta o Martinho, erguendo os olhos de sobre o livro que está lendo.

— É uma galinha, que põe os ovos fóra da capoeira, diz logo a Gertrudes: quero ver onde fez ninho.

E nem córa sequer.

Põem-se a fazer uma pesquisa minuciosa na estrebaria, no celleiro, no sotão, no palheiro; mas especialmente esquadrinham tudo no moinho, trepam e precipitam-se pelas escadas, sobem pelas escadas de mão, remexem na arrecadação em todos os cacaréos.

Ha já perto de duas horas que debalde procuram, quando de repente a Gertrudes que se atreveu a enfiar até ao recanto mais escuro do sotão, diz que achou afinal o que procuravam. Entre molhos de lenha, desfeitos quasi em poeira, e rodas dentadas atiradas para o cadoz, entre destroços dos ultimos dez annos, estão arrumados uns sacos de farinha de trigo e de aveia; ao lado está toda sorte de ferramentas pequenas, martellos, tenazes, escovas, facas de mesa. D'olhos scintillantes, com o rosto coberto de pó, cheios de teias de aranha os cabellos, a Gertrudes sai do esconderijo a dar gritos de alegria; certificado o João de que ella não se enganára, reune-se o conselho de guerra e deliberam.

Metteremos o Martinho no segredo? É melhor não: poderia zangar-se e escangalhar a brincadeira. O João tem uma lembrança. Deita o que está nos saccos n'uma medida de volume egual, enche-os depois com terra e areia e estende-lhes depois por cima uma camada de negro de fumo, como o que usa o cocheiro para engraxar os arreios. Mergulha rapidamente as ferramentas na barrica do alcatrão, e, quando torna a pôr tudo no estado primitivo, dá por concluida a tarefa.

Saem os dois do moinho contentissimos; vão á bomba lavar caras e mãos, ajudam-se mutuamente na limpeza do fato e voltam para casa com o ar mais innocente que lhes é possivel. O Martinho, porém, é que não deixa de lhes notar nos labios uns ligeiros movimentos que os denuncia; ameaça-os, sorrindo, com o dedo, mas sem lhes dirigir a menor pergunta.

Passam-se dois, tres dias, na maior das impaciencias; mas, uma manhã, o João, todo offegante, vai correndo ter com a Gertrudes, todo ver melho por já não poder conter o riso. Logo elle deita fóra a enxada e corre com elle até ao pateo.

Em frente da bomba está o David furioso e embaçado, metade branco, metade transformado em limpa-chaminés. Cara e mãos estão negras como carvão e o alcatrão alastra-se-lhe em nodoas enormes pelo fato. Ás janellas do moinho apparecem as cabeças dos moços rindo ás gargalhadas e o Martinho, muito excitado, passeia por defronte da casa.

A scena é comica irresistivelmente e o João e a Gertrudes cuidam rebentar com riso. O David, que bem sabe em que inimigos ha de pôr o dedo, atira-lhes um olhar cheio d'odio. Torna a lavar-se, mas o negro terrivel misturado com o alcatrão agarrou-se de feitio, que já parece que é aquella a côr natural da pelle do homem. Porfim o Martinho, mette-lhe dó o pobre diabo e manda-o entrar para o quarto dos criados, dizendo á Gertrudes — que chora á força de rir — que lhe vá buscar o fato velho de trabalho.

Ao meio dia, durante o jantar, ambos contam ao Martinho a partida de que tão bem se sahiram. Sacode elle a cabeça com ar de desapprovação e diz-lhes que melhor fôra terem-o avisado da descoberta feita. Depois ouvem-o murmurar, ao sahir do quarto palavras assim como «vinte e oito annos de casa» e «brincadeiras de crianças».

A Gertrudes e o João trocam olhares de cumplicidade que querem dizer: «Que massador!» Ainda por trez dias é-lhes o acontecimento fonte de alegria que em segredo saboreiam.

## XIII

Chega o domingo e o Martinho vai dar as suas voltas pelos logares proximos para receber umas contas; só voltará lá para a noite. Os moços do moinho foram para a estalagem. O moinho está deserto.

— Vou mandar sahir as creadas, diz a Gertrudes ao João: vamos ficar os dois sós no moinho; poderemos tentar qualquer outra coisa.

— O quê?

— Veremos, diz elle a rir.

E vai até á cosinha.

Passada meia hora, volta.

— Foram-se! Estamos livres!

VISCONDE DE OLIVEIRA DUARTE

FALLECIDO EM 19 DO CORRENTE

Sentam-se um defronte do outro e começam a pensar.

— Uma partida como a de domingo passado não tornamos nós a achar, diz ella, suspirando.

E depois d'um instante:

— Olha, João.

— O que?

— Sabes que foste para mim como se viesses do ceo?

— Que queres dizer?

— Desde que tu cá estás, sou trez vezes mais feliz! Porque bem vês... elle é optimo, optimo, e tu sabes como gosto d'elle, muito; mas... anda sempre tão serio! Fala-me tanto sempre lá de cima! Parece assim que sou uma patetinha, sem sombra de juizo. E entretanto sou trabalhadeira e governo a minha casa tal qual uma mulher de edade. Se Nosso Senhor me criou assim, alegre como um passarinho, a culpa não foi minha; e depois não é peccado! Mas quando a gente está com elle e elle se põe a olhar com aquelles modos graves e carrancudos, foi-se a vontade de fazer asneiras... e quando uma mulher está sentada, sem se poder mexer, aborrece-se e...

Cala-se e põe se a pensar. Desejaria queixar-se, mas não sabe ao certo de quê.

— Comtigo já não é assim. És um optimo rapaz que nunca dizes: não. Comtigo é o que a gente quer!... Nunca olhas para mim com aquelle risinho de desdem que elle tem sempre na bocca, quando lhe conto qualquer coisa, e que quer dizer: «Bem te oiço, mas não dizes senão tolices.» E prende-se-me a fala na garganta... Ora a ti pode uma pessoa dizer quanto lhe passe pela cabeça.

Pensativa, encosta a cara ás duas mãos, fazendo andar os cotovêllos de cá para lá sobre os joelhos.

— E o que é que te está passando agora pela cabeça? pergunta-lhe elle.

A Gertrudes córa e levanta-se de repente.

— Agarra-me, se és capaz, diz entrincheirando-se atraz da mesa.

Mas logo que elle se dispõe a perseguil-a, ella anda para elle socegadamente.

— Deixa. Vamos tentar qualquer coisa. Pelo sim, pelo não, traze as chaves... no caminho alguma idéa teremos.

O João tira do prego o molho das chaves e segue a até ao pateo, onde o sol do meio dia dardeja os raios abrazadores.

— Abre o moinho, diz ella, que está lá fresco.

Elle obedece, e ella com um pulo atrevido galga os degráos e salta para a penumbra da casa onde reina o silencio do domingo.

— Tinha medo de aqui estar sósinha, diz ella voltando-se para elle e apontando para a porta do escriptorio, cuja madeira clara brilha com scintillações misteriosas n'aquella meia-escuridão.

Alarga os dedos e estremece.

— Nunca te disse nada? murmurou, passado um instante, quasi ao ouvido d'elle.

O João meneia a cabeça. Não se sente bem n'aquelle quarto humido e sombrio; custa-lhe a respirar, precisa d'ar e de luz.

Mas a Gertrudes é ali que se sente bem, n'aquelle ar carregado de vapores, na meia-escuridão misteriosa: o sol, filtrando pelas frestas fechadas, projecta no chão os raios obliquos, onde myriades de grãos finissimos de poeira dançam sua sarabanda. O calafrio que d'ella se apodera causa-lhe uma sensação deliciosa; baixa a cabeça, estremece e sobe com cuidado a escada, como se quizesse ir dar caça aos fantasmas. No alto da galeria, de repente, solta um grito: afflicto, pergunta-lhe o João que tem e ella responde que só quiz dilatar o peito.

Sobe a uma tremonha, salta por cima da balaustrada e torna a descer deixando-se escorregar pelo corrimão da escada. Depois desapparece na sombra das machinas, onde as rodas erguem seus vultos gigantescos. O João deixa-a á solta, que hoje não ha perigo; no moinho é tudo immovel.

Uns segundos depois torna a apparecer. Encosta-se ao João e, lançando em torno um olhar medroso, tira da algibeira uma chave pequenina suspensa a um cordão preto.

— Adivinha o que é isto, diz baixando a voz.

O João deita os olhos para a porta do escriptorio e interroga a Gertrudes com o olhar.

Elle diz-lhe que sim com a cabeça.

— Volta a pôl-a no seu logar, diz elle assustado.

*(Continúa).*

## NECROLOGIA

VISCONDE DE OLIVEIRA DUARTE

Na casa da rua Larga de S. Roque, onde, ainda ha poucos mezes, se juntavam em alegre convivio os nossos mais distinctos amadores de musica, falleceu no dia 19 o visconde de Oliveira Duarte, que, desde muito novo, mostráva um verdadeiro temperamento de artista e uma decidida vocação para a arte musical, chegando a criar nome entre nós pelas suas composições.

Algumas foram ouvidas e applaudidas por Lisboa inteira, quando tocadas pela banda da guarda municipal e pelo sextetto do theatro de D. Maria, regido pelo maestro Gaspar.

Ainda ha poucos mezes, o visconde de Oliveira Duarte soffrêra um profundo golpe em seu coração de filho amantissimo, pelo desastre de que foi victima seu pae na estação dos caminhos de ferro em Algés. Quem pudesse n'esse momento prever que o filho, tão cheio de vida e saude, tão pouco havia de sobreviver ao venerando velho?

A morte do illustre titular foi muito sentida por todos que de perto lidaram com elle e puderam bem conhecer os dotes que lhe adornavam seu caracter.

Como artista revelou-se na Assembléa Portugueza, em muitos concertos, e ultimamente nos concertos classicos de que foi promotor.

Muito estimado por El-rei D. Luiz e pelo sr. D. Fernando, com elles tomou parte em muitos saráus musicaes.

Um antraz, que logo de principio assumiu um aspecto perigoso, victimou-o depois de poucos dias de soffrimento.

Paz á sua alma.

Recebemos e agradecemos:

**Annuario do Gremio Artistico** — *Relativo a 1897-98* — *Typ. Lallemant* — *Lisboa.*

O presente annuario insere o relatorio da direcção approvado pela assembléa geral, em sessão de 31 de outubro de 1898, e subscripto pelos srs. Antonio Ramalho, Antonio Thomaz da Conceição Silva, Luciano Lallemant, Manuel de Macedo Pereira Coutinho, José Malhôa, Antonio Augusto da Costa Motta e D. José Pessanha (relator).

Segue-se uma *Addenda* em que lucidamente se expõem factos posteriores á data do relatorio e pelo qual se conhecem os bons serviços prestados pelo Gremio Artistico, no intuito de protecção a arte e artistas portuguezes. Insere depois os documentos, representações e notas, entregues ás diversas estações officiaes ou com ellas trocados; os diversos mappas de receita e despeza e, finalmente, o parecer do conselho fiscal, que nas suas propostas resolveu felicitar a direcção pelo resultado da exposição que se celebrou nas salas da Academia Real das Bellas-Artes, na festa nacional do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo da India, exposição que, dando prejuizo material ao Gremio, teve alta significação para a historia da arte em Portugal; e pelos esforços empregados perante as estações officiaes a favor dos artistas portuguezes. Termina o parecer pedindo um justo voto de louvor á dignissima direcção, o que tudo foi unanimemente approvado pela assembléa geral em sessão de 31 de outubro de 1898.

Fecha o *Annuario* com o catalogo da exposição permanente de obras d'arte na séde do Gremio, a lista das publicações entradas no gabinete de leitura durante o ultimo anno social, a relação geral dos socios referida a 1 de julho de 1898, e a indicação dos corpos gerentes em 31 de outubro d'aquelle anno.

Illustra o catalogo uma bem impressa photogravura do bello quadro *Vasco da Gama perante o Samorim* original de J. V. Salgado, estampa que n'outro logar d'este periodico reproduzimos.